



Pré Escola

"Tia Cássia"

Como não dizer não

Não é difícil, observando pais a interagir com crianças, notar a enorme quantidade de vezes que se diz "não" às crianças. Não referimos isto porque a atitude educativa dos pais esteja errada, não é isso! É dado adquirido que as crianças tendem a testar os limites e necessitam que esses mesmos limites sejam claramente estabelecidos. Pretendemos apenas colocar uma simples interrogação: será que nós gostaríamos de ouvir "não" dito tantas vezes em tão pouco tempo?

Pensando bem, dizemos muito mais vezes às crianças o que não podem fazer do que o que elas realmente podem fazer. Preferimos que sejam elas a procurar as suas preferências e as obrigamos a testarem os seus limites.

Provavelmente, mesmo sendo mais redutor, poderíamos por vezes orientar mais. Dizer claramente às crianças o que "podem fazer" resulta em aprendizagens mais seguras e traz segurança a ambas as partes. Isto não significa que não deixamos de poder dizer "não" a tudo, mas que em muitas atitudes da criança o "não" pode ser substituído por uma alternativa, um comportamento mais construtivo.

Vamos dar um exemplo: Se ao invés de dizermos: "Não escrevas na parede!", dissermos: "Vem escrever aqui neste bloco. Você até pode usar os marcadores novos"?

É um caso em que não se limita a ação da criança, o que ela deseja fazer, mas a orientar esse desejo para um comportamento mais acertado, evitando dizer "não".

Como as crianças estão permanentemente em formação, graças às suas aprendizagens, sobre as regras e comportamentos adequados, dentro dos padrões estabelecidos pelos adultos, é importante dar as pistas certas, permitindo o seu crescimento global e a sua integração saudável no meio que as rodeia.

O reforço positivo ou negativo que é sempre recebido/percebido pela criança, é da responsabilidade dos adultos e, em muitos casos, pode passar pela mudança de atitudes destes últimos.

O que fazemos é seguido e imitado. A criança segue as regras que lhe são ditas, mas que têm de ser seguidas por quem as faz. Não faz sentido dizermos, por exemplo, que não se põem os pés nos sofás (calçados), quando nós o fazemos. Podem dar-se opções: "Se quiser pôr os pés no sofá, tire os sapatos" ou "Eu também não ponho os pés no sofá, para não o sujar".

O estabelecimento de regras e normas coerentes e constantes traz segurança e estabilidade à criança. Permite-lhe ter a força/segurança para segui-las, mesmo quando outras crianças têm comportamentos diferentes, pois seguem regras diferentes. É fundamental que o adulto não deixe que o seu humor (saudavelmente variável) faça variar também as regras. É esse respeito que se exige que também tem de ser dado.

Não se deixe cair no erro de usar o "poder de ser adulto" para "mexer" nas regras à sua vontade. Se tudo o que se acha que a criança **não pode** fazer, ela

realmente não pode, por que razões às vezes negamos à criança algumas ações para lhe demonstrarmos (ou a nós mesmos) que detemos o "poder"?

Contudo exigimos-lhe respeito e obediência constantes...

É importante dizer "não" na hora certa, é importante darmos o exemplo seguindo as regras que criamos. É importante permitir aprendizagens, criando alternativas e/ou dando balizas para comportamentos e ações. Permitiremos, assim, um crescimento equilibrado a crianças estruturadas, seguras e felizes.

